

Eustáquio Gomes escritor

Roberto Goto

Estou entre os que tiveram o privilégio de conhecer e conviver com Eustáquio Gomes, mas devo admitir e sustentar que esse privilégio me cabe num grau mais elevado que o da maioria. Nossas existências se cruzaram em plena juventude. Era o segundo semestre de 1972, ele com vinte, eu com dezoito anos. O lugar: a redação do *Correio Popular*, no quinto andar do prédio da rua Conceição, 124. Repórteres ambos, nossas primeiras conversas, como as subsequentes, deram entretanto pouco espaço para assuntos e questões do jornalismo; o que mais fizemos foi trocar figurinhas literárias, comentando e avaliando obras e autores. Essas conversações, seguindo um curso espontâneo e natural – culturalmente falando, bem entendido –, incorporaram-se ao nosso cotidiano, assumindo a forma de uma amizade a que não negaremos o apelido de literária desde que o enquadremos nos limites e modéstia de nossas condições: dois jovens provincianos intercambiando e discutindo leituras e textos, em meio aos quais jogávamos uns planos, umas ilusões ou fumaças de alguma carreira de homens de letras. Nesse modo de contar entra, provavelmente, um senso crítico retrospectivo: até que ponto sabíamos aquilo como ilusório? Algum entusiasmo deve ter havido, mesmo que temperado por sensata e salutar – ou, por vezes, deprimente – autocrítica. O retrospecto, entretanto, não é piedoso, e lança a imagem de dois jovens perdidos na província, sem mais companhia para partilhar sementes e concepções e ambições literárias.

Em Eustáquio a percepção e o sentimento desse estado de coisas – daquela solidão cultural, digamos – eram mais fortes e suscitaram o desejo de movimento, motivaram-no a buscar o público e a agitar o ambiente. No início de 1977, apresentou-me um *Projeto de Grupo Literário*, discriminando *objetivos, campos de ação e publicação*. Cito-o a seguir, praticamente na íntegra:

Objetivos

1. Reunir a nova intelectualidade local; através do grupo organizado, dar a esses intelectuais uma bandeira, um nome, uma motivação.
2. Reunir o máximo de pessoas possível, mas a partir de um grupo pequeno, homogêneo, ideologicamente afim. Os novos integrantes serão mobilizados ou através da imprensa ou de convites pessoais.

3. Estimular um gênero próprio de literatura, com característica social. Uniformidade do grupo. Combatividade. Metas a definir.
4. Marcar intelectualmente, dentro e fora de Campinas, o nome do grupo e da cidade. Mas sobretudo a difusão das ideias, o cunho social, marca registrada do empreendimento.

Campos de ação

1. Editar uma publicação de cultura voltada para todos os gêneros literários. Possivelmente alguma proposta de renovação na forma. Mas sobretudo o vigor do conteúdo, a tônica social. Amplo espaço para os novos, os novos com ideias.
2. Organizar um amplo cadastro de publicações nacionais e internacionais, suplementos, seções de literatura, resenhas, nomes de críticos, editores e escritores em geral. A partir desse cadastro manter um índice de envio de notícias que torne conhecidos o grupo e suas ideias. Poderá isso ser feito através da remessa de releases, de boletins eventualmente impressos e da própria publicação do grupo.
3. Dedicar-se a atividades diretas junto ao público e os demais integrantes do grupo (os extensivos).
 - Promover a realização de conferências
 - Sessões culturais com fins determinados
 - Exposições (públicas!) de poesia social
 - Palestras em Universidades, escolas diversas, entidades culturais e outros locais onde isso seja possível.
4. Ideia: uma semana de agitação cultural onde se pregará a renovação (o revigoreamento) das temáticas literárias. Uma espécie de volta ao vigor e à clareza dos clássicos, mas aproveitando todas as formas modernas conquistadas. (Enfim, são ideias a serem desenvolvidas). Mas uma semana digna de ter repercussão nacional!

A Publicação

1. Jornal. [...]
2. Periodicidade mensal.
3. Distribuição nacional (temas, portanto, de interesse nacional)
4. Publicação corajosa, apta a influir decisivamente no panorama cultural/literário do país (e não uma coisa meramente informativa como o Suplemento do Estado)

ou o Jornal de Letras, ou mesmo [a revista] Escrita; algo que movimente consciências, você sabe).

5. Entrevistas com escritores (escolhê-los a dedo), bons artigos de fundo, noticiário do âmbito literário, resenhas, críticas, divulgação dos trabalhos dos novos.

Se não se trata de invencionice nem de confusão de minha memória, o título da publicação seria *e/ou*. Mas não deve haver dúvida quanto ao fato de que ele não sentiu em mim, na ocasião, o mesmo ânimo com que tinha concebido e elaborado o projeto nem a mesma vibração com que o expusera. Dias depois, mais precisamente a 23 de fevereiro daquele 1977, escreveu-me:

Roberto.

Desalmado! Vou aí, te exponho um plano luxuoso, renovo de um golpe as esperanças da literatura nacional, liquido com Drummond e os outros, e você nada, nem um pio, um vislumbre sequer de carta. Mesmo admitindo que hoje chegue algo, é masoquismo comprovado o não me ter escrito logo após aquele desastre de encontro, de onde saí com o gosto acre de todas as imbecilidades ditas.

Faz-se necessário aqui um parêntese. Morávamos a não mais que meio quilômetro um do outro e nos visitávamos com certa regularidade, mas complementávamos nossas conversações com a troca de uma correspondência que se iniciara, por iniciativa dele, em setembro de 1976. Num bilhete manuscrito, datado do dia 2, ele perguntou:

Goto!

Lembra que falei a V. de umas cartas que pretendia te escrever, iniciando um diálogo que ficasse, sobretudo, como uma espécie de documento nosso?

Taí o resultado dessa promessa.

Prosseguimos?

Eust.

O bilhete veio acompanhado de duas cartas, uma datada de 4 de julho de 1975, outra de 3 de março de 1976. Cito os dois parágrafos iniciais da primeira:

Caro Roberto. Na impossibilidade de nos falarmos com a frequência que ambos desejamos, e para evitar que a exposição mútua de nossas ideias se fragmente contra a barreira da falta de tempo, sugiro que iniciemos esta correspondência. Veja a que ponto chegamos. Residindo num mesmo bairro e obrigados a nos falar por escrito! Por telefone, nunca.

De todo modo, não me parece um sistema indesejável e não é de forma alguma um processo doloroso. Ao contrário, creio que nos sentiremos extremamente à vontade, livres e vagarosos para dizer as coisas, nem sempre exprimíveis de forma conveniente quando se tem a expectativa do interlocutor a um palmo da nossa confusão mental. Por outro lado, como estou certo de que nosso nome fará sentido, um dia, para os jovens que buscarão calor nos escritos íntimos dos que não tinham sentido existencial, alegro-me por ser esta uma forma possível de documentar-nos e àquilo que julgamos pensar.

A segunda carta diz:

Goto!

Veja v. como passa o tempo. Certamente se lembra de quando lhe falei de uma correspondência em que, mesmo estando nós tão próximos, pudéssemos nos falar com mais desenvoltura. Pois já vai para um ano e a carta que daria início à ideia – segue junto – envelheceu como uma folha temporã. Mas aí está, para empurrar-nos a um diálogo que, frente a frente, temos tanta dificuldade em fazer viver.

É possível que, na terceira carta, v. se aborreça mortalmente. Mas não se trata de nada irreversível, basta-nos interromper o fluxo e prosseguir com nosso mutismo. Mutismo num sentido: jamais penetramos verdadeiramente o cerne dos assuntos que nos dizem respeito, creio que fugimos deles. No fundo, com essa correspondência, talvez eu queira apenas satisfazer velha necessidade minha de receber belas cartas, coisa que jamais me aconteceu. E devo confessar também que, a essa altura, tenho infinita precisão de conversar, de expor e principalmente de indagar. Por isso as cartas. [...]

[...]

Um abraço.

Eustaquio.

Cabe dizer, esticando o parêntese, que essa correspondência durou até o começo da década de 1980, quando Eustáquio, então morando e trabalhando no Rio de Janeiro,

voltou a Campinas, primeiro no *Correio Popular*, depois passando brevemente pelo *Jornal de Hoje*, e finalmente estabilizando-se, à custa de muito trabalho e de tempo tirado à família e à literatura, como assessor de imprensa da Unicamp. Um dia, por essa época, como que a transferir-me a função de fiel depositário e/ou de testamenteiro, entregou-me uma pasta verde-claro, contendo nossa correspondência e cartas endereçadas a outros destinatários. Fecho o parêntese notando que ele se incorpora organicamente ao contexto, cumprindo seu papel de explicá-lo. Isso significa que poderia ser mantido indefinidamente aberto. Veja-se, por exemplo, o que Eustáquio escreveu na sequência daquele bilhete de 2 de setembro de 1976, algum tempo antes de apresentar seu projeto de grupo literário. A carta é datada de 22 de setembro:

Caro Goto. Retomo, meio debilmente, nossa conversa. Debilmente: tenho uma ligeira dor de dente e, de resto, dormi mal esta noite. Como já lhe disse: o sono regula-me o humor, a produtividade e a filosofia. Se durmo mal, sou Kafka. Menos mal, Sartre. Razoavelmente, talvez Camus. Mas se durmo bem, posso chegar a Francisco de Assis. No entanto, tolices. Já não sou tão vulnerável. Sou muito mais capaz de resistir a tudo isso e muito mais, incluindo o nada existencial, para retomar a caneta e aprofundar a nossa já considerável amizade.

Assim somos: tão cheios de nós mesmos. Nada somos até que chega-nos um tipo e enche-nos de ideias. Vaidosos constatamos: são as nossas ideias não ditas. Depois, com a idade, reescreve-se aquilo, dando-lhe uma nova conformação ética – e eis uma nova filosofia. Tudo isso para dizer que, relendo agora menos mal o “Sísifo”, reencontro ali alguns de meus personagens. E com isso, posso meter aqui algumas ideias que o romance reclamava. Já então a influência de Camus será irremediável em mim (muito mais, creio, que a de Cortázar), como a de Kafka, por exemplo. E embora eu fale como se já me tivesse feito, escrito barbaridade e vivido uma respeitável existência – o que é definitivamente uma parvoíce –, nada impede-me de considerar definitivas algumas dessas ideias. Parece-me impossível, como também a você, abraçar hoje qualquer esperança do tipo tonificante, dessas que predisõem você para um excelente dia seguinte, ou toda uma semana naquela espécie de “estado de graça” cristão. E tudo porque? Porque perdemos Deus. [...]

[...] Segue-se que o problema já não é Deus, a eternidade ou a salvação, mas a conquista desse estado de graça tal como se conquista, por outros meios, a fama e as riquezas. Essa é aliás a busca central de minha novela e comunico a você que, ao descobrir isso, descobri também o título da obra: “O Estado de Graça”.

Não me lembro com a mínima nitidez desejada a que novela, especificamente, Eustáquio aludia nessa passagem. Pode ser – e pode também não ser – a que acabou publicando com o título de *Os Jogos de Junho*, cuja fatura ele comentou em outras conversas e tive a oportunidade de acompanhar, inclusive por meio de nossas cartas.

Retomo o Eustáquio daquele “projeto de grupo literário” que encravei retrospectivamente num quadro de solidão cultural de dois jovens provincianos perdidos nestas campinas do mato grosso. Naquele plano latejava uma carência, uma necessidade de encontrar iguais no amor e na dedicação à literatura, ao mesmo tempo que uma acústica, a possibilidade ao menos de uma ressonância da produção literária local, na confluência do individual com o coletivo. Expressão e dissipação daquela carência foram, certamente, sua opção por pesquisar os que protagonizaram o que teria sido o movimento modernista campineiro, personagens de sua dissertação de mestrado, *Os rapazes d’A Onda e outros rapazes*, e sua atuação no *Domingo Cultura* do *Correio Popular*. No *Mapa da Escrita* que ele publicou no número 19 do suplemento, em 12 de dezembro de 1982, recenseando parte da produção literária e cultural que se dava na cidade ou transitava por ela, na época, remanescia e esmaecia algo daquele impulso de seis anos atrás.

Volto então, neste meu breve mapeamento temporal – que não posso ter a pretensão de que seja histórico nem ousar chamar de memorialístico, dada a precariedade da memória chamada a realizá-lo – ao início de nossa convivência, para explicar o que faz de mim um privilegiado num grau mais alto que os demais que o conheceram. É que julgo ter conhecido antes de todos, e no nascedouro, no verdor da origem, o Eustáquio por excelência e em sua essência – o Eustáquio escritor –, alguém que punha a escrita antes da fala, atribuindo-lhe um primado em termos de valor – o valor de verdade, ou, melhor dizendo, da verdade. Não à toa, um de seus modelos, no sentido ético mas sobretudo no estético, era Hemingway: perseguia o ideal da frase curta e verdadeira, verdadeira em sua própria brevidade.

Alguns talvez reparem e objetem que aquele Eustáquio era apenas um projeto de escritor. Mas acontece que o escritor Eustáquio já estava todo nele; naquele projeto de escritor já pulsava um escritor em projeto. Se, como diz Lévy-Strauss em *Tristes Trópicos*, “O homem somente cria algo de grande no início; em qualquer domínio, só o primeiro esforço é integralmente válido”, o que presenciei, o que conheci foi o início de muitos inícios. Desde aquele início, primordial mas não único, Eustáquio foi um escritor – e sempre por inteiro, nunca parcialmente, assim como nunca consumadamente. Cada

livro que se punha a escrever era um projeto em que se lançava e que, por seu turno, o projetava, o lançava para frente de si mesmo. Cada projeto fundava um início, de tal modo que ele era sempre aquele primeiro esforço mencionado pelo antropólogo francês; ficava nesse primeiro esforço, existia por ele – era um escritor em projeto, cuja ocupação ou, antes, preocupação não era realizar-se, cristalizar-se, muito menos ser institucionalizado.

Dele não se pode dizer, portanto, que foi escritor acabado, mas é preciso reconhecer que estava sempre por completo, em sua inteireza, no escritor em projeto que era, no qual e pelo qual investia e exprimia todo seu ser, toda sua verdade. Nisso se equiparava a Camus, que talvez tenha sido para ele a principal referência, espécie de marco totêmico e bússola existencial. Camus, com *A Peste*, foi a inspiração primeira d'*A Febre Amorosa*, obra na qual acabou predominando o tom de sátira, apoiado em nomes brasileiros como Oswald de Andrade, o fato sugerindo, quem sabe, que o tema não comportava nem suportava o humanismo camusiano – o qual, no entanto, pode muito bem remanescer como pano de fundo e/ou horizonte, ou seja, como ideal.

Sei que, como o Sísifo camusiano, ele era feliz em sua labuta literária, mesmo com toda a angústia que o escritor inevitavelmente sofre e enfrenta quando começa a escrever um livro, sem poder atinar se disporá de tempo para terminá-lo. E sei também que, não houvesse sua existência sido golpeada e interrompida por um acidente mais absurdo ainda que aquele que vitimou Camus, hoje estaríamos comentando e comemorando os muitos livros que necessariamente teria escrito nos últimos anos. Eu o sei não na forma de uma hipótese, nem de uma aposta, tampouco ao feitio de um silogismo; sei como verdade evidente por si mesma, expressão mimética da verdade existencial e essencial de Eustáquio Gomes, escritor.